

Das Mädchen von Oberklich, de J. W. von Goethe: Tradução e Comentários

Felipe Vale da Silva

Doutorando - Universidade de São Paulo

felipe.vale.silva@usp.br

Recebido em: 18/12/2014

Aceito em: 21/12/2014

Resumo: Este artigo inclui uma tradução da peça fragmentária *Das Mädchen von Oberkirch* e um comentário geral sobre a história de sua recepção. Justifica-se o valor desse fragmento como parte de uma fase negligenciada da obra de Goethe, as chamadas *Revolutionsdichtungen*, grupo de obras que trataram do impacto da Revolução Francesa no Sacro Império Romano-Germânico. Por fim, busca-se acessar a peça tanto como um importante momento da ficção histórica alemã, quanto como um documento da reação de intelectuais alemães à Revolução Francesa no final do século XVIII.

Palavras-chave: Goethe. Poesia da revolução. Ficção histórica. Revolução Francesa. Classicismo de Weimar.

Os manuscritos de *Das Mädchen von Oberkirch* foram encontrados nos papéis póstumos de Goethe. Em anexo, lia-se o recado “não deve ser notificada”, solicitação atendida pelo organizador das obras completas de 1829/31, de forma que esse fragmento dramático veio a público somente em 1895 no volume 18 da edição de Weimar. Seu editor, Gustav Roethe, pôde contar com um esboço do plano geral da peça casualmente encontrado por Erich Schmidt em meio aos papéis da *Doutrina das Cores*. É de Roethe, igualmente, a primeira tentativa sistemática de remontar o possível roteiro elaborado por Goethe; uma tarefa desafiadora, considerando-se que apenas um esboço e as duas cenas que abrem o ato um chegaram à posteridade. Os resultados desse exercício dedutivo foram publicados em *Nachrichten der K. Gesellschaft der Wissenschaften in Göttingen*, de 1895 (na edição consultada, ver ROETHE 1932), e

permanecem até hoje incontestados pela fortuna crítica do autor (cf. WILSON 2004, p. 285).

Roteiro a partir do estudo de Gustav Roethe

Marie, a criada de Oberkirch, trabalha como camareira para uma família de nobres estrasburguenses. O advento da Revolução trouxe consigo uma onda de saques às propriedades da Igreja e da nobreza por todo o território francês; os patrões de Marie não foram poupados do destino relegado a muitos de sua classe. Além de se verem, de repente, destituídos de bens, durante a fuga da massa de revoltados apenas a condessa encontrou refúgio dentro da cidade. Todos os seus filhos acabaram cruzando a fronteira do Sacro Império Romano-Germânico. Desde então, a comunicação entre os familiares se tornara escassa. A condessa agora se escondia na casa de um sobrinho — o barão — o qual, por se haver aliado à causa revolucionária em um primeiro momento, podia mover-se livremente pela França republicana. Com a subida dos jacobinos ao poder em 1792, porém, a situação de todos os nobres tornava-se incerta; a ameaça à segurança daquilo que restava da família em Oberkirch antecipa muito da ação dramática.

Na primeira cena, o barão interrompe a tia e declara trazer notícias de seus filhos: todos passam bem e parecem adaptar-se à nova realidade com diligência e bravura. Há uma segunda notícia que ele, depois de muito circunlóquio, expressa: trata-se da declaração de seu amor por Marie, a camareira da condessa, e da intenção de desposá-la. Após alguma discussão com a tia — visivelmente escandalizada com a perspectiva da *mésalliance* —, os motivos ulteriores ao casamento são expostos. Além de realmente amar Marie, o casamento com uma mulher do Terceiro Estado poderia garantir a segurança da família na França jacobina. Um burguês e amigo da família, Manner, ao ouvir a confissão, sugere cautela na execução do plano. O barão não pode ignorar que “os terríveis jacobinos não se deixam enganar assim”, e que eles estariam a todo momento espreitando resquícios da antiga ordem feudal para destruí-la. O manuscrito termina nesse ponto.

Tanto o barão quanto Manner compartilharam, conforme mencionado, o entusiasmo inicial da Revolução. Embora se mostrem ligados contra os abusos do governo jacobino, uma rixa separa os dois homens e competirá para o desfecho trágico previsto para o ato quatro. Como lemos no comentário de Manner dirigido à plateia, ele também ama Marie e tem intenção de desposá-la. O plano esboçado por Goethe sugere que essa disputa clássica pelo coração da heroína fora planejada na ocasião da *Fête de la Raison* — a famosa festa cívica realizada em 20 de Brumário, ano II (10/11/1793), organizada por Robespierre. A ideia do festival era entrar para a história como o dia em que o culto à Razão substituiria, definitivamente, a religião cristã. Na Catedral de Notre-Dame, o altar cristão foi destruído e em seu lugar foram cravadas as palavras “para a filosofia” (cf. KENNEDY, 1989, p. 343). Houve repetições do festival por, virtualmente, toda grande cidade francesa. Garotas locais eram convocadas para representar a Razão de forma alegórica, trajadas em vestes romanas brancas e cintos tricolores com as cores da bandeira. Robespierre justificou o uso de modelos vivos para a nova iconografia religiosa: era preciso evitar idolatria e estatuária, características, enfim, do catolicismo, que então caía por terra (cf. PALMER, 1969, p. 119; ver o abrangente estudo de OZOUF, 1988).

O Festival da Razão foi alvo de toda sorte de sátiras por parte do público estrangeiro — a de Carlyle (1838, p. 375-379) é particularmente engraçada — e carrega certo significado político por dar as últimas evidências necessárias do declínio mental de Robespierre. O evento em si parecia haver sido tirado do universo do teatro; na interpretação de Gustav Roethe, tudo indicava que Goethe se aproveitara da versão estrasburguense do festival como cenário para o desfecho de sua tragédia. Em meio a suas pesquisas dos periódicos da época, Roethe deparou-se com uma edição do *Revolutionsalmanach auf das Jahr 1795* em que se relatava um trágico episódio ocorrido em Estrasburgo. Uma camponesa alemã eleita para fazer o papel alegórico da Razão negou-se a participar e — unicamente por isso — foi guilhotinada (cf. WILSON 2004, p. 283; BORCHMEYER 2005, p. 1032).

O incidente servia perfeitamente àquele momento das *Revolutionsdichtungen*, em que Goethe buscava uma forma adequada de representar a barbárie em que a

Revolução Francesa recaíra em 1793. Tudo parece se encaixar; há uma menção no plano geral do drama de que uma cena do ato quatro se passaria em Münster — o que Roethe deduziu ser uma referência a *Liebfrauenmünster zu Straßburg*, nome oficial da catedral de Estrasburgo, onde, de fato, uma *Fête de la Raison* foi realizada. Ademais, na cena subsequente, há menção a uma *Anrede als Vernunft* (titulação como Razão), o que parece sugerir a designação da protagonista Marie como representante alegórica da deusa Razão, exatamente como a camponesa de quem tratou o *Revolutionsalmanach*. Marie, assim, é aquela que supostamente acabaria guilhotinada por questionar a autoridade jacobina, ao passo que Manner e o barão ocupam-se em disputá-la.

Comentário

Das Mädchen von Oberkirch (1794/5) é particularmente interessante se vista como uma obra de transição. Ela marca o fim da primeira fase das *Revolutionsdichtungen*, grupo de obras compostas entre 1791 e 1803 que retratam os primeiros anos de Revolução Francesa. Em um primeiro momento, Goethe compôs *Der Groß-Cophta* (1791), *Der Bürgergeneral* (1793) e *Die Aufgeregten* (1793), todas peças de teor moralizante, escritas em um estilo antiquado que ecoava elementos das comédias iluministas e que, talvez por isso, não gozaram de grande sucesso junto ao público teatral de Weimar. As três obras desenvolvem-se como uma investigação das possíveis causas da Revolução; há constantes menções a abuso de poder da nobreza e do clero, da má gerência dos assuntos de Estado, da ambição desmedida de tipos oportunistas alemães que, uma vez que recebem notícias da revolução no país vizinho, se põem a planejar como eles próprios poderiam garantir seu lugar no poder. Como é de se esperar, todas essas tentativas malogram, os injustos são punidos, as vítimas recompensadas e a ordem restabelecida.

As três comédias continuam causando perplexidade nos leitores de Goethe até hoje. Elas sugerem uma regressão da criatividade que aprendemos a apreciar lendo *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*, sua posição intermediária entre *Viagem à Itália* e o Classicismo de Weimar aparenta representar nada além de uma descontinuidade, um “acidente de trajeto”. Em função delas, as *Revolutionsdichtungen*

foram, por muito tempo, tratadas como resultado de um projeto fracassado – sua forma poética não convence, e as ideias que tais obras propagam soam excessivamente conservadoras. Goethe, assumiu Carpeaux (1961, pp. 1617-18), foi incapaz de entender a Revolução da forma devida em função de sua posição privilegiada na corte de Weimar. Outros críticos associaram a atitude de Goethe àquela de Edmund Burke – ambos foram, de fato, atentos ao que acontecia na França, mas terminaram por prever o fim catastrófico do processo revolucionário, já que substituíam a tirania monárquica pela populista. Goethe, que nunca negou a possibilidade de redenção ao homem, não tinha nada de positivo a dizer sobre o maior evento histórico de sua época. Por esse motivo, sempre que se aventurou em vertê-lo em poesia, gerou produtos estranhos a seu espírito.

Tais perspectivas são insuficientes. Elas parecem não fazer jus à complexa relação dos alemães oitocentistas com o que acontecia no país vizinho. A compreensão da Revolução Francesa como um processo mais ou menos unitário realizado dentro de um período de dez anos e que definiu muito da história política moderna é produto da historiografia da Restauração (cf. GÜNTHER, 1985, p. 1232). Na década de 1790, os espectadores alemães do evento esforçavam-se para entender o processo a partir de fragmentos (a maioria deles cartas pessoais e relatos de viagem) que chegavam de umas poucas testemunhas oculares — Campe, von Halem, von Archenholtz, Forster. A tarefa inicial dos primeiros historiadores da Revolução foi explicar a homens e a mulheres do Sacro Império o significado de *partido*, *parlamento*, *Assembleia Nacional* e *clubes*, além de refletir sobre a possibilidade de um mundo sem monarcas e estamentos (cf. GÜNTHER, 1985, p. 1233 et seq.). Para Goethe e para a maioria de seus contemporâneos, uma coisa era certa: a Revolução Francesa era uma fatalidade, um divisor de águas na história da civilização que alterava para sempre o sentido da cultura, do projeto iluminista e, conseqüentemente, da função da arte literária.

O conjunto de obras que formam as *Revolutionsdichtungen* deve ser encarado, portanto, como uma vertente da missão histórica reconhecida por grande parte dos intelectuais alemães naquele contexto. Trata-se de uma fase singularmente experimental na carreira do autor: é necessário que obliteremos, por ora, a imagem do

Goethe que se debruça sobre o Fausto e Wilhelm Meister por mais de cinquenta anos e consideremos a imagem do Goethe escritor de peças populares, voltadas à transmissão de uma mensagem direta para o público teatral de Weimar — lembremos que o autor acabava de assumir o posto de diretor dessa instituição. Uma vez que aceitamos o caráter experimental desse grupo de obras, podemos entender a continuidade entre seus diferentes momentos.

Mencionou-se que as três peças compostas até 1793 fracassaram. Goethe logo se deu conta de que jamais conseguiria escrever teatro popular como Kotzebue, abandonou o projeto de *Die Aufgeregten* no ato quatro para retomar o tema da Revolução um ano depois, munido de um formato literário renovado. *Das Mädchen von Oberkirch* é o resultado da reformulação radical de sua ficção. Referências a figuras históricas começam a abundar; observa-se um trabalho de relatar o processo histórico cronologicamente. A pretensão de explicar as origens imorais da Revolução, por fim, desaparece, já que não se trata mais de julgar moralmente o que passou, mas de lidar com suas consequências. Essa nova tarefa pode ser extremamente difícil, uma vez que os fatos perdiam seus contornos definidos; aqui, Goethe já parece trabalhar com uma concepção histórico-filosófica de sua fase madura, segundo a qual o evento histórico é antes uma força incomensurável — tal qual uma força da natureza — do que objeto empírico. Com a queda da Bastilha, a história fugira ao conhecimento humano para se revelar como uma confusa interposição de continuidades, de causas e de consequências das ações dos homens. A Revolução Francesa era tudo menos uma unidade coerente; era mais correto imaginá-la como aquilo que se desencadeou quando a ordem universal entrou em colapso (cf. ROE, 1987, p. 38; BOYLE, 2000, p. 306).

Na tragédia, a condessa, o barão e Manner estão a todo momento reagindo aos fatos. Ainda que direcionem todas as suas forças contra o turbilhão de desastres decorrentes da queda da Bastilha, eles se mostram conscientes das grandes chances que têm de sucumbir. Nesse sentido, a reação imediata da condessa à declaração de amor de seu sobrinho é significativa: “Dentre todas as paixões, a que eu menos esperava ter influência sobre vós na atual conjuntura”, declara na primeira cena. A

importância de reagir à crise histórica sobrepõe-se à dimensão mais elementar da vida humana. A conversa da condessa com o sobrinho só retoma seu tom habitual uma vez que ele esclarece em que medida seu plano de casar-se responde à crise do presente.

Há outros aspectos inovadores na peça dignos de menção. Pela última vez, uma das obras da Revolução passa-se em terreno revolucionário – a cidade de Estrasburgo, sugestivamente situada na zona intersticial entre território francês e alemão (cf. BOYLE, 2000, p. 307; WILSON, 2004, p. 286; BORCHMEYER, 2005, p. 1032). Nela, por fim, encontramos as primeiras referências diretas tanto a partidos atuantes na Revolução quanto a datas importantes dentro do processo. Há menção ao período do Terror e aos jacobinos. Sobretudo, é extremamente significativo que a tragédia seja consumada durante a *Fête de la Raison*; o evento surgiu de uma tentativa radical de romper com o passado europeu e de dar início a uma nova época de progresso e liberdade. Ironicamente, em *Das Mädchen von Oberkirch*, ele termina com a execução da criada Marie, aquela que faz uso público de sua razão para declarar contrariedade ao governo. A Revolução engole seus filhos.

Há claras limitações no plano geral de *Das Mädchen von Oberkirch*. Sua moral é simplista, quase ingênua; Marie é demasiadamente idealizada, e falta uma causa superior pela qual ela deva morrer. As forças atuantes no cenário de crise política são forçosamente binárias (jacobinos são monstruosos, os nobres são pobres vítimas), e, por fim, a disputa entre Manner e o barão se articula à tragédia da protagonista de forma muito frouxa. Na opinião de Boyle (2000, p. 308), era de se esperar que Goethe tenha abandonado a tragédia; se não o fizesse, iria repetir o mesmo erro cometido nas comédias de 1791 e 1793.

O pouco que restou da tragédia, porém, nos permite enxergar conexões entre as primeiras *Revolutionsdichtungen* e algumas das grandes obras do Classicismo de Weimar. Alguns temas e motivos presentes nela voltarão a aparecer nos experimentos posteriores a 1795. Conforme mencionado anteriormente, a primeira cena desenvolve-se em torno da migração dos filhos da condessa para o leste. A onda migratória de nobres franceses para o Sacro Império Romano e para a Inglaterra, sobretudo, foi importantíssima; de fato, foi a primeira consequência direta do evento na Alemanha. O

tema da migração tornou-se pano de fundo de duas obras posteriores, hoje reconhecidas como centrais do Classicismo de Weimar: *Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten* e *Hermann und Dorothea*. O formato final das *Revolutionsdichtungen* focou-se na investigação da nova realidade social europeia a partir da convicção de que o evento trazia uma missão a cada indivíduo de repensar seu papel na nova era que então se avizinhava.

Atentemos para o quadro que dá início à peça: a condessa ocupa-se com o tricô. Traduzindo para a visão de mundo estratificada, poder-se-ia dizer: um membro da alta nobreza ocupa-se com uma tarefa manual reservada a criados. O barão adentra o aposento e pergunta como vai a tia. Sua resposta, estranhamente, não fornece quaisquer dados sobre seu estado de espírito, mas os motivos de estar tricotando: ela o faz por ter aceitado que, em breve, deverá trabalhar como uma mulher do Terceiro Estado. O bem-estar de seus filhos, igualmente, decorre do fato de que eles arrumaram uma ocupação capaz de garantir sua subsistência: “Caroline borda [...] Friedricke costura”. Não se trata de um simples relato do cotidiano desses indivíduos, mas da confirmação de que eles foram capazes de transformar a si e de se adaptar às imposições de uma força — chamemo-la *destino*, provisoriamente — que foge de seu controle.

Conhecemos bem o Goethe clássico como defensor de ideais de harmonia, autocontrole, autonomia, formação, renúncia etc. Há uma quantidade assustadora de material escrito em prol da manutenção de certa *persona* de Johann Wolfgang von Goethe como uma espécie de último humanista europeu. Sobretudo para a crítica do século XIX, a figura de Goethe converteu-se em espantalho da erudição satisfeita de si dos positivistas. O autor de *Os sofrimentos do jovem Werther* — jovem inquieto e histriônico — supostamente haveria levado os impulsos da juventude às últimas consequências para atingir um estado de espírito equilibrado, comedido, harmônico. Sua formação seria, então, resultado de um desenvolvimento robusto e saudável; as ideias que ele nos relega carregariam algo de atemporal. É espantoso que intelectuais se tenham entretido por tanto tempo com esse tipo de idealização. O enfoque excessivo na imagem daquele que superou os arroubos do *Sturm und Drang* para se tornar um

clássico alemão se provou, antes de tudo, contraprodutivo; essa imagem só se sustenta a custo do obscurecimento de diversos pontos de sua carreira literária. A obra de maturidade, por exemplo, passou a receber devida atenção somente no século XX; no que diz respeito às *Revolutionsdichtungen*, há, ainda, muito a ser pesquisado. Por fim, defender o caráter supostamente atemporal da sabedoria goethiana leva-nos a procurar metafísica arcaica no pensamento de alguém constantemente ocupado com questões próprias da filosofia da história moderna. Goethe, antes de tudo, foi pupilo de Herder e o grande precursor da tradição de ficção histórica continuada por Walter Scott, Alexandre Dumas e James Fenimore Cooper no século XIX.

Este ensaio conclui-se com a sugestão de que o estudioso de Goethe pode encontrar um material valioso nessa fase singular de sua produção literária. Foi a partir de um projeto estético de interpretação da Revolução Francesa que o autor articulou a ideia de renúncia, deu continuidade à sua crítica ao subjetivismo, desenvolveu uma crítica ao partidarismo, ao ideal liberal de autonomia, e assim por diante — todos eles elementos importantes para a compreensão de suas obras mais conhecidas. Tais ideias não foram intuídas por uma mente privilegiada posta acima do mundo dos homens comuns, mas a partir de uma tentativa extenuante de repensar a experiência humana em face de um evento que alterou para sempre a forma pela qual vivenciamos a história.

A Criada de Oberkirch¹

Uma tragédia em cinco atos

Personagens

A Condessa

O Barão

Manner

Um intelectual²

Peter Handfest

Um açougueiro

Marie

O prefeito de Estrasburgo

Membros da municipalidade

Sans-culottes

A ação se passa em Estrasburgo.

Primeiro ato. Primeira cena. *(A Condessa ocupa-se com o tricô. Junto a ela, o barão.)*

BARÃO: Honrada Condessa, como vai? Com que vos entretendes?

CONDESSA: Como vedes, querido primo³, com um trabalho que, se necessário, poderia garantir meu sustento.

BARÃO: Quão estranho deve ser precisar viver conosco agora. Como é triste vossa situação!

CONDESSA: Já passei por duras experiências na vida, mas, sem sombra de dúvida, as últimas foram as piores.

BARÃO: Teme-se pelas vossas propriedades...

CONDESSA: Não imaginei nada melhor que isso.

BARÃO: ... elas foram saqueadas, destruídas.

CONDESSA: É o espírito do tempo.

BARÃO: Vosso fiel caseiro, assim como vossos súditos mais bem-intencionados, salvaram aquilo que foi possível.

CONDESSA: Eu sabia que podia contar com eles. Mas, querido primo, dai a mim, que tanto preciso de consolo, alguma boa notícia de meus filhos e filhas. Ainda não estou certa se os devo bendizer ou repreender. Se os devo louvar, satisfeita, ou se os devo declarar miseráveis por não haverem hesitado por um instante sequer antes de fugir desta terra de atrocidades.

BARÃO: Pois trago notícias e, se quereis saber, são boas notícias. Eles estão vivos...

CONDESSA: Em nosso tempo, a mera sobrevivência já é uma dádiva.

BARÃO: Os rapazes alistaram-se no exército.

CONDESSA: Estão em seu devido lugar.

BARÃO: As moças ao menos encontraram um retiro tranquilo.

CONDESSA: Algo que, para o fugitivo, é o que existe de mais gratificante. Oh, mas que malta de filósofos nos tornamos! Deixei-me ver logo as cartas.

BARÃO: Certamente. Alegrar-vos-eis — na medida em que ainda é possível ao coração alegrar-se — ao ver quão unidas, quão corajosas são essas boas almas, apesar da situação desoladora.

CONDESSA: Ótimo.

BARÃO: Eles estão poupando o dinheiro que lhes enviamos e estão trabalhando.

CONDESSA: Eu os louvo por isso.

BARÃO: Caroline borda.

CONDESSA: Boa moça.

BARÃO: Friedricke costura.

CONDESSA: E pode fazê-lo muito bem.

BARÃO: Além disso, elas têm junto a si alguns homens de valor, igualmente trabalhadores e dedicados, e que conquistaram o respeito de todos. Infelizmente, há uma única coisa que lhes perturba: a má conduta e a insolência a que tantos emigrantes se rebaixam na Alemanha.

CONDESSA: Os virtuosos se destacarão e serão respeitados. Vamos, deixai-me ver as cartas. Certamente Caroline escreveu muitos pormenores...

BARÃO: Como lhe é de costume.

CONDESSA: Ela descreve as pessoas com esmero.

BARÃO: De fato.

CONDESSA: E não poupa ninguém!

BARÃO: Como nos bons tempos.

CONDESSA: Pois bem, já não sinto mais o temor que guardava a respeito deles. Caro primo, não trazeis as cartas convosco?

BARÃO: Sim, honrada tia, aqui estão.

CONDESSA: E por que as mostrais de longe?

BARÃO: Porque antes devo...

CONDESSA: O quê?! Preparar-me para algo? Oh, Deus, será possível! Enganaste-me, então, primo? Poderíeis ser tão cruel assim? E dizer-me que os meus estão bem, em situação tolerável... Ficais de gracejos enquanto tendes uma má notícia para dar!

BARÃO: Não, tia, não é isso! Não interpreteis indevidamente meu embaraço, esta minha hesitação. Não há qualquer má notícia. Recomponde-vos! Vamos, alegrai-vos! Tudo que tenho é algo fora do comum para compartilhar.

CONDESSA: Pois bem?

BARÃO: Algo para o qual devo preparar-vos, antes que leiais nas cartas a opinião dos vossos filhos a respeito.

CONDESSA: Não me deixeis no escuro por mais um minuto sequer.

BARÃO: Por onde começar? Dizendo tudo, sim, e de uma vez!

CONDESSA: Podeis formular sem dificuldades aquilo que atija o vivo espírito.

BARÃO: Oh, se soubésseis o que me emudece desta vez...

CONDESSA: O que poderia ser?

BARÃO: Ai! Algo que tantas vezes nubla o vigor de nossos espíritos!

CONDESSA: Estamos a ficar cada vez mais no escuro

BARÃO: É verdade, devo admitir...

CONDESSA: Ponde para fora de uma vez!

BARÃO: É amor!

CONDESSA: Dentre todas as paixões, a que eu menos esperava ter influência sobre vós na atual conjuntura.

BARÃO: E quando é que estamos seguros diante dele?

CONDESSA: Então amais?

BARÃO: Sim, há muito que estou amando! E alegro-me que, por fim, a razão cessa de pôr empecilhos no caminho de meu sentimento.

CONDESSA: Sem mais rodeios!

BARÃO: Como posso...?

CONDESSA: Dizei o nome dela! De uma vez!

BARÃO: Se eu começasse com nomes, cairíamos em um circunlóquio sem fim.

CONDESSA: Aos fatos! Estou perdendo a paciência.

BARÃO: Também vós estais a par dos fatos: quando nossos parentes migraram, permaneci como burguês da comuna, como cidadão francês, e mostrei-me a favor da causa da revolução...

CONDESSA: Como se fôsseis mesmo a favor dela! Apesar disso, pagais agora pelo que fizestes lá atrás! Enfim, continuai.

BARÃO: Por meio de minha influência, salvei muitos dos vossos, assim como os bens de minha prima.

CONDESSA: E por isso vos sou eternamente grata.

BARÃO: Mas as circunstâncias começam a ficar mais perigosas...

CONDESSA: Não o nego.

BARÃO: A massa do povo — não do povo, do populacho — está ganhando preponderância. Quem não se submete a ela, está danado. Recebemos de Paris as notícias mais assustadoras e singulares.

CONDESSA: Chega! Chega dessas notícias! Quereis que minha impaciência...

BARÃO: Ouçais, então! Oh, por que não sois uma tia melhor, mais calma! Dou-vos o contexto daquilo que precisais saber. Se não falo de antemão o que é preciso, tereis muito que objetar depois. E se falo demais, não sabereis aonde quero chegar.

CONDESSA: Se quiserdes meu conselho, querido primo, ide e dai um passeio de uns quinze minutos. Só então voltaí e falai com vossa tia com clareza.

BARÃO: Ficastes emotiva! Ora, pois não vos enfureçais quando eu houver contado tudo. Vendo-me coagido pela chusma, pela massa, tendo que lisonjear esse meio povo, meio populacho, decidi casar-me com alguém inferior à minha posição social.

CONDESSA: Primo!

BARÃO: Tratar-se-ia de um casamento estratégico e eu não teria do que me envergonhar. Ainda assim, meu coração foi tocado por algo mais do que simples interesse. Minhas intenções se voltam para uma moça ímpar.

CONDESSA: Dai um fim a este suplício e justificai-vos. Ou então ide embora.

BARÃO: Querida tia, eu vou! Eu vejo que devo ir, mas – não vos enfureçais – antes devo dizer que me casarei... com vossa Marie. Dai-me vosso consentimento!

CONDESSA: Minha camareira!

BARÃO: Vossa filha, o mais digno fruto de vossa instrução! O mais belo regalo que a natureza vos deste!

CONDESSA: Primo, deixai-me a sós por um instante.

BARÃO: É melhor que eu vá! Não, que eu fique! – Tia! Mãezinha! Eu vou, deixo-vos a sós. Pensai em mim, em nosso destino! No de Marie! – Por que não chamar vossa Marie também de *minha*!

Segunda cena (*Os anteriores. Manner.*)

MANNER: Honrada Condessa, perdoai-me. Não encontrei ninguém na antessala.

CONDESSA: Entrai. Amigos são bem-vindos aqui, mesmo quando não dispomos de criados para anunciá-los. Como vai o nosso caro Manner? Sentai.

MANNER: Senhor Barão.

BARÃO: Vindes em boa hora para acudir-me; encontro-me em dolorosa comoção. Apareceis como um anjo a meu auxílio, pois preciso de um intercessor entre mim e minha tia. Alguém como o senhor!

MANNER: Estais de zombaria! Será possível que Carl — o estimado Carl! — pudesse ofender sua tia? Estou certo de que se trata de um pequeno mal-entendido! E mesmo isso é demais entre pessoas tão distintas; ainda mais entre parentes tão próximos. Permiti-me que eu peça uma explicação.

CONDESSA: Deixai que ele a dê.

MANNER: Pois bem, senhor Barão...

BARÃO: Barão não, *Carl!* Bem, como quereis. Fui destituído do título, assim como das propriedades antes pertencentes a meu pai. Ora, Manner, eu fui testemunha de vossa conduta e sensatez em tempos idos, tempos em que ainda tínhamos esperanças. Ganhastes minha confiança e, sim, em vossa presença eu gostaria de resolver uma discussão ainda em aberto. Nós brigamos. Não digo que brigamos; desentendemo-nos. Também não é bem isso; precipitamo-nos... Eu estava de saída, vós chegastes e agora fico.

MANNER: Mas que estado de exaltação é esse em que vos encontro!

CONDESSA: Bom, acho que serei obrigada a falar no lugar dele.

BARÃO: Oh, fazei isso! Expressai aquilo que trazeis no coração.

MANNER: É o que peço.

CONDESSA: Ele, que inicialmente gozou da posição na classe daqueles que governam...

BARÃO: Tia! Poupai-nos disso. Lembrai que Manner também era um dos que... tinham esperanças.

CONDESSA: Vivemos em uma época em que temos de perdoar um ao outro... Primo, não me interrompais! Pois bem, ele agora começa a temer o governo popular. O povo com o qual ele cooperou se tornou forte demais, poderoso demais, violento demais. Assim, uma vez que é incapaz de controlá-lo, Carl quer ligar-se ao atual governo de outra forma.

MANNER: Peço que continueis.

CONDESSA: É o que terás: Carl casar-se-á! Porque ele assim o declarou. Ele não pede nosso conselho, não quer nosso aval; simplesmente casar-se-á!

MANNER: E com quem, afinal?

BARÃO: Manner, os tempos são promissores. Em três palavras: eu desposarei Marie.

MANNER: Marie.

BARÃO: E minha tia não me compreende!

MANNER: Marie... (*De lado*) Oh, infeliz de mim!

BARÃO: Que se faça uma confissão, pois. Dentre todas as criaturas do sexo feminino com que a natureza presenteou a nossa família, que a sociedade trouxe a nós, Marie foi a mais bela e a mais virtuosa. Quem não é capaz de a adorar? E como eu a amo!

MANNER: (*Contendo-se*) Marie sempre foi estimada por todos.

BARÃO: E por quê? Porque ela traz em si todas as virtudes que nos transfiguram... e nos faz desejar uma revolução. Ela foi bela sem se vangloriar! Sempre foi amável sem pender para o vício, criada sem se rebaixar, companheira sem ser bisbilhoteira!

CONDESSA: Elogia Marie o quanto queiras, que concordarei contigo. Nunca obtive dela o menor desserviço, nem descobri qualquer coisa que me forçasse a puni-la. Ela sempre atendeu a meus pedidos da melhor forma possível. Mas isso justifica que te cases com ela?

BARÃO: Minha tia. Devo confessar que, ainda nos tempos de nossa felicidade, eu procurei Marie com intenção de... possuí-la. Não obtive sucesso, contudo.

CONDESSA: Mas que bela confissão!

MANNER: Marie é uma moça distinta, eu sempre a tomei por alguém forte o suficiente para repelir os avanços de sedutores.

CONDESSA: E então, primo?

BARÃO: Não nos deixemos cair neste tom frio e zombeteiro! Quero dizer apenas que amo Marie e que não consegui possuí-la. Que ainda a amo e que espero conquistá-la. O que me impede de pensar assim?

CONDESSA: Ainda não vejo aonde quereis chegar.

MANNER: Além de que há muito que se pensar sobre isso.

BARÃO: Pois direi de uma vez por todas aquilo que no início pareceu deixar-me hesitante. Vós não acheis que, na atual conjuntura, o vínculo com Marie seria proveitoso, desejável e até necessário para os nossos, da mesma forma que outrora eram os casamentos com as grandes e ricas dinastias?

CONDESSA: O amor está interferindo nos teus miolos.

MANNER: Estais contando com algo que, no fundo, é só o que quereis que aconteça.

BARÃO: Não é Marie em vossas terras... Melhor, não é ela conhecida na região – eu poderia quase dizer, em toda a Alsácia! — como uma moça boa e virtuosa? E não é ela respeitada por todos de sua classe? O que me impede de nutrir esperanças de que, ao pedir sua mão em casamento, eu apadrinhar-me-ia com esse povo de mãos ensanguentadas? Sou eu quem tiraria a maior vantagem dessa união, tanto para mim quanto para os meus.

MANNER: Não, Barão! Nisto eu vos devo contrariar. Credes mesmo que o terrível tirano do povo — ou, melhor, este ou aquele tirano que orchestra o Terror — tem consideração por alguém? É em vão que vos rebaixais; na verdade, todos considerarão tal rebaixamento condenável.

BARÃO: Unir-se com Marie não é se rebaixar.

MANNER: Não foi o que eu quis dizer... Falo de modo geral. O que é que adiantou ao infeliz do príncipe negar sua linhagem e dar a si próprio o sobrenome Igualdade, se seus planos não foram traçados em nome dela?¹

BARÃO: Meus planos não são vergonhosos!

MANNER: Mas são desprovidos de qualquer sentido. Por mais triste que seja, todos nós sabemos disso muito bem.

CONDESSA: Tirastes as palavras da minha boca.

MANNER: Aquilo que quereis construir, as massas querem destruir. Não tenteis empregar medidas débeis contra a violência desmedida. Além do mais, para que envolver uma pessoa inocente em uma sina que é vossa?

BARÃO: Como?

MANNER: Marie não vos livrará de suspeitas. Pelo contrário, ela mesma se tornará alvo de suspeitas.

¹ Após a Revolução, o duque Louis Philippe Joseph d'Orléans (1747-1793) alterou o próprio nome para Citoyén Philippe Égalité (“Cidadão Philippe Igualdade”) e se declarou jacobino. Apesar dos esforços para se safar do destino reservado a muitos nobres durante a revolução, Philippe acabou sendo aprisionado e executado em novembro de 1793.

CONDESSA: Muitos olhos se voltarão para ti e permiti-lo agora é, de uma forma ou de outra, perigoso.

MANNER: Os terríveis jacobinos não se deixam enganar assim. Como seres sequiosos por sangue que são, eles farejam as pegadas de todo e qualquer homem direito.

CONDESSA: Vejo o momento em que todos desejaremos aderir à causa de nossos perseguidores.

MANNER: Ah! E eu percebo o momento em que igualmente verei [...] com meus parentes.

CONDESSA: Oh, Manner, eu espero que um dia vós e os vossos vos deis conta de quão amargo é o cálice que nos destes para beber.

BARÃO: Contudo, quem está apto a dar conselhos no presente momento, quando tudo está um caos? Cabe a cada um fazer o que julga mais adequado.

CONDESSA: Ah, se ele pudesse tomar decisões deixando suas paixões de lado...

MANNER: Oh, se pudéssemos voltar a ser o que fomos antes... Se não precisássemos pensar tanto, antes de dar um passo, por menor que fosse!

BARÃO: Vós me despertais de um belo sonho. Quando aqui cheguei, eu estava extremamente seguro; é certo que ainda estou, mas não sei como devo proceder.

MANNER: Mas... Permiti-me uma palavra. Uma palavra que vos poupará de muitas outras.

BARÃO: Que seria...?

MANNER: Estais acertado com Marie?

BARÃO: A pergunta é estranha, mas devo dizer que não. Marie não sabe coisa alguma de meu plano. Ela não desconfia de nada.

CONDESSA: E estás certo de seu consentimento?

BARÃO: É o que veremos.

CONDESSA: Devo confessar que não vos compreendo.

BARÃO: Querida tia, desnudei todos meus planos perante vossos olhos. Expus o assunto que mais me ferve o coração, mas que agora — uma vez que me deparo com vossa contrariedade — já se vai tornando morno. [...] Não achais que eu também me volvo [...].⁵ Vós conheceis bem minhas expectativas, desejos e anseios. Estou certo de poder contar com vosso apoio sempre que tomar decisões baseadas naquilo que é justo, viável e respeitável.

CONDESSA: Reconheço meu primo nessas palavras. Oh, querido Carl! Querido Manner! Pensemos seriamente em uma forma de nos beneficiar. Pensemos no que, neste momento, está em nosso alcance fazer. Deixemos para trás nossas antigas diferenças e façamos novos planos como nós... [fim do manuscrito]

Ein Trauerspiel in fünf Aufzügen

Personen

Die Gräfin.

Der Baron.

Manner, ein Geistlicher.

Peter Handfest, ein Fleischer.

Marie.

Der Maire von Straßburg.

Glieder der Munizipalität.

Sansculotten usw.

Die Handlung geht in Straßburg vor.

Erster Aufzug. Erster Auftritt (*Die Gräfin mit Stricken beschäftigt. Dazu der Baron.*)

BARON. Wie ist Ihr Befinden, gnädige Gräfin? Womit unterhalten Sie sich?

GRÄFIN. Wie Sie sehen, lieber Vetter, mit einer Arbeit, die mich allenfalls nähren könnte.

BARON. Wie ungewohnt muss es Ihnen jetzt bei uns sein, wie traurig ist Ihre Lage!

GRÄFIN. Ich habe schon harte Fälle erlebt, freilich diese waren die härtesten.

BARON. Auf Ihren Gütern sieht es übel aus.

GRÄFIN. Ich habe mir nichts Gutes vorgestellt.

BARON. Man hat geraubt, zerstört.

GRÄFIN. Das ist der Geist der Zeit.

BARON. Der ehrliche Verwalter, die wohlgesinnten Ihrer Untertanen haben was möglich war gerettet.

GRÄFIN. Darauf konnte ich mich verlassen. Lieber Vetter, da ich Trostes bedarf, bringen Sie mir dann etwa gute Nachricht von meinen Söhnen, von meinen Töchtern? Ich weiß noch nicht, soll ich sie loben, soll ich sie tadeln, soll ich sie glücklich preisen oder für elend erklären, das sie so bald aus diesem Lande der Gräuel geflohen sind.

BARON. Nachrichten bringe ich, und wenn sie wollen gute Nachrichten. Sie leben –

GRÄFIN. Das nackte Leben ist schon in unsern Zeiten eine Wohltat.

BARON. Die Männer sind bei der Armee angestellt.

GRÄFIN. Sie sind an ihrem Platze.

BARON. Die Frauen haben wenigstens einen ruhigen Zufluchtsort gefunden.

GRÄFIN. Für Flüchtlinge alles Dankes wert. O was für Philosophen sind wir geworden! Lassen Sie mich die Briefe sehen.

BARON. Recht gern. Sie werden sich freuen, insofern ein Herz der Freude fähig sein kann, wie diese guten Seelen so fest, so wacker sich in dem traurigen Zustande befinden.

GRÄFIN. Schön.

BARON. Sie sparen das Geld, das wir ihnen zuschicken, und arbeiten.

GRÄFIN. Ich lobe sie darum.

BARON. Caroline stickt.

GRÄFIN. Das gute Kind.

BARON. Friedrike näht.

GRÄFIN. Das kann sie sehr schön.

BARON. Sie haben noch einige brave Männer um sich, die auch arbeiten, sich auch bemühen und von allen Menschen geachtet werden; aber leider betrüben sie sich alle zusammen über die Unart, die Frechheit, womit so viele Emigrierte sich in Deutschland verächtlich machen.

GRÄFIN. Die Guten werden sich auszeichnen und geachtet werden. Lassen Sie mich die Briefe sehen! Caroline schreibt gewiss viele Details –

BARON. Nach ihrer Art.

GRÄFIN. Schildert die Leute gut –

BARON. Gewiss.

GRÄFIN. Und schont niemand.

BARON. Wie in den glücklichsten Zeiten.

GRÄFIN. Nun so ist mir's auch nicht bange für sie. Lieber Vetter, haben Sie die Briefe nicht zu sich gesteckt?

BARON. Ja, gnädige Tante, hier sind sie.

GRÄFIN. Warum so von fern?

BARON. Ich muss vorher –

GRÄFIN. Was? Etwa mich vorbereiten? O Gott! Ist's möglich! Haben Sie mich nur getäuscht, Vetter! Konnten sie so grausam sein! So freundlich mir sagen, die Meinigen seien wohl, in leidlichen Umständen! Sie konnten scherzen und haben mir eine traurige Botschaft zu bringen!

BARON. Nein! Tante, nein! Legen Sie meine Verlegenheit, mein Zaudern nicht unrecht aus! Keine traurige Botschaft. Fassen Sie sich, erheitern Sie sich! Nur etwas Sonderbares hab' ich Ihnen vorzutragen.

GRÄFIN. Nun?

BARON. Etwas Sonderbares, worauf ich Sie vorbereiten muss, ehe Sie aus diesen Briefen die Meinung der Ihrigen darüber vernehmen.

GRÄFIN. Lassen Sie mich nicht länger in Ungewissheit!

BARON. Wie soll ich anfangen? Wie alles sagen und doch kurz sein?

GRÄFIN. Was Ihren lebhaften Geist interessierte, konnten sie immer sehr leicht vortragen.

BARON. O wüssten Sie, was mich diesmal stumpf macht!

GRÄFIN. Was könnte das sein?

BARON. Ach! Was unsre Geisteskräfte nur zu oft mit Wolken umzieht.

GRÄFIN. Wir werden immer dunkler.

BARON. Ich will es gestehen.

GRÄFIN. Nur heraus!

BARON. Die Liebe!

GRÄFIN. Von dieser Leidenschaft erwartet' ich am wenigsten Einfluss auf Sie in diesen Augenblicken.

BARON. Wann sind wir vor ihr sicher?

GRÄFIN. Sie lieben also?

BARON. Ja! Schon lange lieb' ich! Und bin nun glücklich, dass mein Verstand mir keine Hindernisse mehr in den Weg legt.

GRÄFIN. Ohne Umschweife!

BARON. Wie soll ich –

GRÄFIN. Den Namen! Nur kurz.

BARON. Mit dem Namen anzufangen, würden wir erst in unendliche Umschweife geraten.

GRÄFIN. Nun zur Sache! Sie machen mich ungeduldig.

BARON. Auch die Sache wissen Sie. Da unsre Verwandten emigrierten, hielt ich mich als Bürger der Stadt, als französischer Bürger still und schien die Wendung der Revolution zu begünstigen.

GRÄFIN. Und begünstigen sie wirklich! Nun dafür sind Sie schon gestraft. Weiter!

BARON. Durch meinen Einfluss rettete ich viel von Ihrem, von meiner Vettern Vermögen.

GRÄFIN. Dafür wir Ihnen ewig verbunden sind.

BARON. Die Umstände fangen an, gefährlicher zu werden.

GRÄFIN. Ich leugn' es nicht.

BARON. Die Masse des Volks, nicht des Volks, des Pöbels, gewinnt das Übergewicht. Jeder geht verloren, der sich ihm nicht gleichstellt. Von Paris haben wir die schrecklichsten, die sonderbarsten Nachrichten.

GRÄFIN. Hernach! Hernach! Von diesen Nachrichten. Wollen Sie meine Ungeduld –

BARON. So hören Sie doch! O warum kann ich Ihnen nicht, beste Tante, mit mehr Ruhe, mehr Zusammenhang vortragen, was Sie doch wissen müssen. Sag' ich zuwenig voraus, so werden Sei viel einzuwenden haben. Sag' ich zuviel, so wissen Sie nicht, wo ich hinaus will.

GRÄFIN. Wenn ich Ihnen raten sollte, lieber Vetter, so gingen Sie ... hinaus und eine Viertelstunde spazieren, kämen dann und sprächen mit Ihrer guten alten Tante wieder die alte verständliche Sprache.

BARON. Sie werden empfindlich! O zürnen Sie nur nicht, wenn ich ausgeredet habe. Genötigt, der Menge, der Masse, halb Volk halb Pöbel, zu schmeicheln, halte ich für ratsam, unter meinem Stande, ich darf wohl sagen, unter meinem vorigen Stande zu heiraten.

GRÄFIN. Vetter!

BARON. Von dieser Seite wäre die Heirat politisch, und ich hätte mich ihrer zu schämen. Aber mein Herz gebietet mir noch lebhafter als das Interesse. Meine Absichten sind auf ein Mädchen gerichtet, die einzige in ihrer Art.

GRÄFIN. Macht der Marter ein Ende und erklärt Euch oder geht!

BARON. Liebe Tante, ich gehe! Ich sehe wohl, ich muss gehen, aber – zürnen Sie nicht – vorher muss ich sagen, ich heirate – Ihre Marie – geben sie mir Ihre Einwilligung!

GRÄFIN. Meine Aufwärterin.

BARON. Ihre Tochter, Ihren Zögling, das Schönste was Ihnen die Natur überlieferte, das Beste, was Ihrer Erziehung geraten ist.

GRÄFIN. Vetter, lasst mich einen Augenblick allein.

BARON. Soll ich gehen! Soll ich bleiben! – Tante! Mutter, ich gehe, ich lasse sie allein, denken Sie mich! Unser Schicksal! Marie! – Warum soll ich Ihre Marie nicht auch die Meinige nennen dürfen!

Zweiter Auftritt (*Die Vorigen. Manner.*)

MANNER. Gnädige Gräfin, verzeihen Sie! Ich finde niemand im Vorzimmer.

GRÄFIN. Nur immer herein! Freunde sind uns willkommen, wenn wir auch keine Diener haben, sie zu melden. Wie geht's Ihnen, lieber Manner? Setzen Sie sich!

MANNER. Herr Baron.

BARON. Sie kommen erwünscht, mich zurückzuhalten, da ich in einer schmerzlichen Gemütsbewegung von hinnen ging. Sie kommen wie ein Engel mir zu Hilfe, ich brauche einen Vorsprecher bei meiner Tante. Einen Vorsprecher wie Sie.

MANNER. Sie scherzen! Wäre es möglich, dass Karl, der geliebte Karl, seine Tante beleidigen könnte? – Ein kleines Missverständnis! Und auch das ist schon viel zu viel zwischen so edlen Menschen, zwischen so nahen Verwandten. Darf ich mir eine Erklärung ausbitten?

GRÄFIN. Lassen Sie ihn reden!

MANNER. Nun Herr Baron!

BARON. Nicht Baron! Karl! Wenn sie wollen, da ich keinen Namen habe als von Gütern, die schon meinen Vätern nicht mehr gehörten. Manner! Ich habe Sie handeln sehen, ich habe in jener Zeit, da wir alle noch hofften, Ihre Gesinnungen kennen lernen. Sie haben mein Vertrauen gewonnen, ja in Ihrer Gegenwart will ich ein abgebrochenes Gespräch wieder anknüpfen. Wir hatten uns entzweit. Nicht entzweit, aber missverstanden; nicht missverstanden, aber übereilt. Ich ging, Sie kommen, und ich bleibe.

MANNER. In welcher heftigen Gemütsbewegung finde ich Sie!

GRÄFIN. Ich werde noch statt seiner reden müssen.

BARON. O tun Sie es! Reden Sie, wie es Ihnen Ihr Herz eingibt!

MANNER. Ich bitte.

GRÄFIN. Er, der sich im Anfang freute, an der allgemeinen Herrschaft teilzunehmen –

BARON. Tante! Schonen Sie uns beide! Erinnern Sie sich, dass Manner auch von denen war, die – hofften.

GRÄFIN. Wir leben in einer Zeit, wo wir einander viel verzeihen müssen. Unterbrecht mich nicht, Vetter! Er fängt an, sich vor der allgemeinen Herrschaft zu fürchten. Das Volk, das er mit auffordern half, wird ihm zu stark, zu mächtig, zu gewaltsam; er will, da er es nicht wie bisher leiten kann, sich auf eine andre Weise mit ihm verbinden.

MANNER. Ich bitte um Aufschluss.

GRÄFIN. Den sollen Sie haben. Er heiratet! Denn so hat er gesagt. Er fragt nicht um Rat, er will nicht unsre Meinung. Er heiratet.

MANNER. Wen denn?

BARON. Manner, die Zeit ist edel. Mit drei Worten. Ich heirate Marien.

MANNER. Marien.

BARON. Und meine Tante verkennt mich.

MANNER. Marien. (*Beiseite.*) Ich Unglücklicher!

BARON. Dass es denn doch zu einem Geständnis komme. Unter allen weiblichen Geschöpfen, welche die Natur unsrer Familie geschenkt, welche die Gesellschaft zu uns gebracht, war Marie immer und immer die schönste und die beste. Wer liebte sie nicht, und wie liebe ich sie nicht!

MANNER (*sich fassend*). Marie ward immer von jedem geschätzt.

BARON. Und warum? Weil sie alle Tugenden besitzt, die uns andern ... eine Revolution wünschen ließen. Sie war schön ohne Anmaßung, liebenswürdig ohne Sucht zu gefallen, Dienerin ohne Niedrigkeit, Gesellschafterin ohne vorlaut zu sein.

GRÄFIN. Lobe Marien, soviel du willst, und ich werde dir beistimmen. Nicht das geringste Verdienst habe ich darin gesucht ... zu erziehen. Und sie hat meine Wünsche am besten be... aber musst du sie denn darum heiraten?

BARON. Tante! Soll ich's Ihnen gestehen? Noch in den Zeiten unseres blühenden Glücks suchte ich Marien unter ... Bedingungen zu der Meinigen zu machen, es gelang mir nicht.

GRÄFIN. Eine schöne Konfession.

MANNER. Marie ist ein edles Mädchen, ich habe sie immer für stark genug gehalten, jeder Verführung zu widerstehen.

GRÄFIN. Und also, Vetter?

BARON. Lassen Sie uns nicht in einen kalten, spitzen Ton fallen! Ich will nur sagen, dass ich Marien liebte und sie nicht besitzen konnte, dass ich sie besitzen kann und noch liebe. Warum sollt' ich nicht daran denken?

GRÄFIN. Ich sehe die Folge noch nicht.

MANNER. Und es lässt sich noch manches darüber denken.

BARON. Und ich werde am ende doch auf das Argument dringen müssen, das ich am Anfange zu verwerfen schien. Ist nicht eine solche Verbindung jetzt für unsereinen so nützlich, so erwünscht und notwendig, als ehemals die Verbindung mit den größten und reichsten Häusern sein konnte?

GRÄFIN. Die Liebe spielt deiner Klugheit einen Streich.

MANNER. Sie hoffen, weil Sie wünschen.

BARON. Ist nicht Marie auf Ihren Gütern, ist sie nicht in der Gegend, ja ich darf fast sagen im ganzen Elsass als ein gutes, als ein fürtreffliches Mädchen bekannt? Wird sie nicht von allen geachtet, die ihres Standes sind, und darf ich nicht hoffen, indem ich ihr meine Hand biete, mich mit dem Volke, das jetzt die Gewalt in Händen hat, zu verschwägern und für mich und die Meinigen den schönsten Vorteil aus dieser Verbindung zu ziehen?

MANNER. Nein, Baron! Hier darf ich Ihnen geradezu widersprechen. Glauben Sie, dass der ungeheure Tyrann, der Pöbel, oder vielmehr dieser und jener Tyrann, der das Ungeheuer führt und leitet, irgendeine Rücksicht nehmen werde? Vergebens erniedrigen Sie sich, man wird Ihnen auch die Erniedrigung zum Verbrechen machen.

BARON. Die Verbindung mit Marien ist keine Erniedrigung.

MANNER. Das wollte ich nicht sagen. Ich rede im allgemeinen. Was half dem unglücklichen, dem schnöden Fürsten vom Geblüte, sich den Namen Gleichheit zu geben? Suchte man nicht seine Pläne unter dem Namen Gleichheit auf?

BARON. Meine Pläne sind nicht schändlich.

MANNER. Aber sie sind gegen den Sinn des Ganzen, den wir leider nur zu wohl kennen.

GRÄFIN. Sie nehmen mir das Wort aus dem Munde.

MANNER. Sie wollen erhalten, und die Massen wollen zerstören. Setzen Sie nicht zu schwache Mittel der entgegenströmenden Gewalt entgegen! Verwickeln Sie nicht eine unschuldige Person mit in das Schicksal, das Ihnen bevorsteht!

BARON. Wie?

MANNER. Marie wird Sie nicht vom Verdachte befreien, und Sie werden Marien verdächtig machen.

GRÄFIN. Du wirst die Augen auf dich ziehen, und dies ist jetzt auf jede Weise gefährlich.

MANNER. Die fürchterlichen Jakobiner sind nicht zu betrügen, sie wittern die Spur jedes rechtlichen Menschen und dürsten nach dem Blute eines jeden.

GRÄFIN. Ich sehe den Augenblick, in welchem wir alle wünschen bei unsern vertriebnen Verwandten zu sein.

MANNER. Ach und ich sehe den Augenblick, wo ich mit meinen Verwandten gleichfalls aus ... sehen werde.

GRÄFIN. O Manner, Sie und Ihresgleichen haben uns den bitteren Kelch eingeschenkt, Sie werden, fürchte ich, die Hefe sehr bitter finden.

BARON. Wer kann in gegenwärtigem Augenblick, wo alles durcheinander geht, ratschlagen? Jeder müsste tun, was er das Zuträglichste für sich hielte.

GRÄFIN. Wenn er ohne Leidenschaft seinen Vorteil unterscheiden könnte.

MANNER. O dass wir wieder auf uns selbst zurückgebracht sind! O dass wir nicht mehr ans Ganze denken dürfen!

BARON. Ihr habt mich aus einem schönen Traum aufgeschreckt. Ich war so gewiss, als ich kam; ich bin es noch und weiß doch nicht, was ich tun soll.

MANNER. Aber – vergönnen Sie mir ein Wort, ein Wort, das sehr viele andere unnütz gemacht hätte!

BARON. Das wäre?

MANNER. Sind Sie mit Marie einig?

BARON. Die Frage ist wunderbar, aber ich muss sagen Nein. Marie weiß nichts von meinem Vorhaben. Sie ahndet nichts davon.

GRÄFIN. Und du bist ihrer Einwilligung gewiss?

BARON. Das würde sich finden.

GRÄFIN. Ich muss gestehn, dass ich Sie nicht verstehe.

BARON. Liebste Tante, die dringendste Angelegenheit meines Herzens wird lau, sobald Sie dagegen sind. Alle meine Pläne habe ich unter Ihren Augen vollführt – glauben Sie nicht, dass ich auch ... geworden bin. Sie wissen, was ich hoffe, was ich wünsche, was ich begehre. Wenn es gut, wenn es möglich, wenn es schicklich ist, werden Sie es gewähren.

GRÄFIN. Daran erkenne ich meinen Vetter. O lieber Karl, lieber Manner, lassen Sie uns ernstlich überlegen, was uns nützlich ist! Lassen Sie uns bedenken, was wir in dem Augenblick zu tun haben! Vergessen wir, was uns vor einigen Jahren trennte, lassen Sie uns neue Pläne entwerfen, wie wir dem ...

Referências bibliográficas

- BORCHMEYER, Dieter. "Das Mädchen von Oberkirch". In: GOETHE, Johann Wolfgang. *Sämtliche Werke. Briefe, Tagebücher und Gespräche in 40 Bände. Band 6: Dramen 1791-1832*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2005. pp. 1031-1037.
- BOYLE, Nicholas. *Goethe: The Poet and the Age. Volume II: Revolution and Renunciation (1790-1803)*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CARLYLE, Thomas. *The French Revolution: A History*, em três volumes. Volume II. Boston: Little & Brown, 1838.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental III: Ilustração e Revolução*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Sämtliche Werke. Briefe, Tagebücher und Gespräche in 40 Bände. Band 6: Dramen 1791-1832. Die Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2005.
- GÜNTHER, Horst. *Die Französische Revolution. Berichte und Deutungen deutscher Schriftsteller und Historiker*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1985.
- KENNEDY, Emmet. *A Cultural History of the French Revolution*. Yale University Press, 1989.
- ROE, Ian F. Ästhetik und Politik: Goethe und die Französische Revolution. *Goethe Jahrbuch 104*. Weimar: Verlag Hermann Böhlau, 1987. pp. 31-46.
- OZOUF, Mona. *Festivals and the French Revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- PALMER, R. R. *Twelve who ruled*. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- ROETHE, Gustav. Das Mädchen von Oberkirch [1895]. In: *Gesammelte Vorträge und Aufsätze*. Berlin: s/e, 1932, 137-162.
- STEINER, Rudolf. "Das Mädchen von Oberkirch. Ein Trauerspiel in fünf Aufzügen von Goethe". in: KÜNSCHNER, Joseph. *Deutsche National-Literatur*. 117. Bd, 2. Abt. Berlin-Stuttgart: Spemann, 1889. pp. 603 et seq.

WILSON, W. Daniel. "Dramen zum Thema der Französischen Revolution". In: WITTE, Bernd; BUCK, Theo; *et al.* *Goethe Handbuch. Band 2: Dramen.* Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2004. pp. 258-287.

Notas finais

¹ Tradução feita com base no texto da edição de Frankfurt (GOETHE, 2005, pp. 207-217).

² *Ein Geistlicher*. No século XVIII, e sobretudo no vocabulário de Goethe, o termo era usado para designar um erudito, e não um clérigo, como ocorre no uso atual do alemão. Optei pelo termo 'intelectual' para evitar a dimensão qualitativa que o termo 'erudito' traz consigo. Cf. BORCHMEYER, 2005, p. 1035.

³ Termo usado na época para se referir a qualquer parente próximo. O Barão é, na verdade, sobrinho da Condessa.

⁴ Trecho ilegível do manuscrito.

⁵ Os dois trechos cortados estão ilegíveis no manuscrito.